



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15759 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT02 - História da Educação

Biografia da professora Rosália Barros: itinerâncias da formação e da atuação na educação básica

Lidiane da Silva Pereira - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Francinalda Machado Stascxak - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Maria Aparecida Alves da Costa - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Agência e/ou Instituição Financiadora: FUNCAP E CNPQ

1 INTRODUÇÃO

“As mulheres nem sempre são oprimidas, e pode acontecer de exercer um poder, e até uma opressão. Elas não têm sempre razão. Pode acontecer de serem felizes, e apaixonadas. Escrever sua história não é um meio de reparação, mas desejo de compreensão, de inteligibilidade global”.
(Perrot, 2019, p. 166).

Abordar a complexidade das experiências das mulheres significa reconhecer que elas são sujeitos históricos e que buscam o protagonismo de suas narrativas. O que possibilita refletir sobre a multiplicidade das suas experiências de vida, tornando-as compreensíveis de uma maneira mais ampla. A frase de Michelle Perrot, constante na epígrafe, remete à sensibilidade das pesquisadoras, não como ação reparadora, mas como ponte para contar essas tramas.

Nessa perspectiva, este artigo insere-se no campo da História da Educação ao discutir o percurso formativo e a prática docente da cearense Rosália Barros. A educadora nasceu em 24 de junho de 1963, na cidade de Missão Velha/CE. Em 1970, a família veio para a capital, Fortaleza, em busca de melhores condições e de escolas para as crianças. Estudou os primeiros níveis de escolarização em escolas públicas em Fortaleza e, por influência familiar, fez o curso normal no extinto Colégio São José, concluindo em 1980 o 4º ano adicional. Nesse ínterim,

trabalhou tanto em escolas particulares quanto em escolas do estado através de contratos temporários, quando em 1996, assumiu o cargo de professora do estado do Ceará após ser aprovada em concurso público, lecionando as disciplinas de Ciências e Biologia até os dias atuais.

A partir desses elementos, surgiu a seguinte inquietação: como a educação familiar, no que concerne à influência de familiares, e a sua formação escolar reverberaram na prática docente de Rosália Barros? Com o intuito de responder a tal questionamento, objetivamos biografar a professora Rosália Barros com destaque para a sua prática docente e para os fatores que contribuíram para a sua constituição profissional.

A metodologia utilizada neste estudo situa-se no campo dos estudos biográficos (Dosse, 2015), pois enfatiza as experiências pessoais a dar vida a um certo período, proporcionando uma visão mais humana e próxima das condições sociais de uma dada época. Em paralelo, foram coletadas entrevistas livres como forma de materializar esse intento, devidamente amparadas na metodologia da História Oral (Portelli, 2016).

Em resumo, biografar Rosália Barros torna-se relevante não apenas para destacar a sua prática docente e os elementos que influenciaram a sua formação profissional, mas também para enriquecer o entendimento sobre a historiografia da educação cearense. Esta investigação busca não só documentar uma história individual, mas, sobretudo, suscitar novos estudos biográficos que possam oferecer compreensões sobre as dinâmicas educacionais locais e os desafios enfrentados por educadores no contexto cearense.

2 NOTAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Com vistas a dar prosseguimento ao presente estudo, convém mencionar que valorizamos os aspectos da abordagem qualitativa pelo teor subjetivo que possui. Segundo Flick (2009, p. 20), “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida”, já que tais relações são intrinsecamente complexas, pois envolvem múltiplos atores, contextos e dinâmicas.

Devemos mencionar que nem sempre todo e qualquer ator social, seus contextos e dinâmicas eram passíveis de se tornar elementos historiográficos. Esse contraste com abordagens mais tradicionais aconteceu a partir da História Cultural, que despertou o interesse em entender como as pessoas comuns vivem suas vidas, como se expressam e como suas identidades são construídas por meio da cultura (Pesavento, 2014).

A partir dessa quebra de paradigmas, as pesquisas biográficas ganharam espaço pela possibilidade de ser um elemento poderoso na reconstituição de uma época, já que oferece uma perspectiva íntima e pessoal dos acontecimentos históricos, dos valores dominantes e das transformações sociais e culturais que caracterizam um dado período específico. Corroborando com tais ponderações, Dosse (2015, p. 11) assevera que “a biografia pode ser um elemento privilegiado na reconstituição de uma época, com seus sonhos e angústias”.

Para a materialização deste estudo, mobilizamos a metodologia da História Oral, em que foram utilizadas entrevistas com o intuito de ouvir, conhecer e refletir sobre os múltiplos contextos - familiares, sociais, educacionais e profissionais - de Rosália Barros. Conforme Portelli (2016, p. 10), a “história oral, então, é primordialmente uma arte da escuta”. Essa arte possibilitou-nos desvelar os saberes e fazeres, as crenças e os valores da biografada.

Nessa seara, a memória ou as memórias são dinamizadas “por meio da comunicação verbal e assim ganha enlevo, dignifica a experiência de registros por modestas que sejam” (Meihy; Seawright, 2020, p. 13). Assim, os sujeitos participam do processo de criação e da produção de registros que podem ser visitados, revisitados e compartilhados, ajudando na preservação de memórias e a transmitir conhecimentos para as gerações futuras.

Tencionando aproximações a partir da ampliação de fontes orais, realizamos entrevistas temáticas com a professora Rosália Barros a fim de conhecer seus percursos educativos, formativos e profissionais. As entrevistas foram realizadas, nos dias 03 e 04 de maio de 2023, no local de trabalho da biografada, com duração de 20min12seg e 55min23seg, respectivamente, além de complementações de informações através de áudios de WhatsApp, sendo todas elas gravadas, transcritas e, posteriormente, validadas pela biografada. Entrevistamos também, via WhatsApp, José Helves Moraes de Oliveira, ex-aluno de Rosália Barros no dia 04 de julho de 2024.

Importa mencionar que foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado pelos sujeitos. Também foram apresentados os principais aspectos da pesquisa aludindo que esta não traria quaisquer benefícios, bem como foram expostos os riscos, assegurando a possibilidade de desistência dos participantes a qualquer momento, caso assim o desejassem.

2.4 Resultados e discussões da pesquisa

Rosália Barros é a filha mais velha do electricista e bombeiro hidráulico Francisco de Barros e de Irene Maria de Barros, que tinha formação em nível médio para o

magistério, mas que não exerceu a profissão. O casal teve seis filhos, contudo, três morreram ainda bebês e ficaram outros três, a biografada e mais dois irmãos: José Iran de Barros e Francisco Wendel de Barros.

A biografada nasceu na cidade de Missão Velha, na região sul do Ceará, no ano de 1963. Nesse período, o município tinha uma população aproximada de 30 mil habitantes que, na sua maioria, viviam primordialmente de atividades como agricultura e pecuária (Brasil, 1965). Ademais, na década de 1960, o estado do Ceará era governado por Virgílio Távora, eleito em 1962 por uma coligação entre o Partido Social Democrático (PSD) e a União Democrática Nacional (UDN) (Farias, 2012).

Importa ponderar que no campo educacional brasileiro, as décadas de 1950 e 1960 marcam um processo de ampliação da cobertura dos serviços escolares. Apesar disso, o déficit na oferta do ensino primário era na ordem de 1.200.000 vagas (Freitas; Biccás, 2009).

Advinda de uma família de professores, Rosália Barros afirma acreditar na vocação para o exercício do magistério e, também, atribui à influência familiar a sua escolha profissional porque todas as suas tias paternas eram professoras.

Em seu relato, Rosália Barros destaca o uso da palmatória para castigar as colegas que brincavam com ela na infância. Na representação das crianças, ela assumia o papel de professora, enquanto as demais representavam as alunas. Essa encenação reproduzia, provavelmente, uma realidade vivenciada no cotidiano escolar. Embora a Lei das Primeiras Letras, de 1827 já previsse que os castigos físicos fossem aplicados apenas em último caso, Olinda (2004) ressalta que, na prática, eram comuns os relatos do uso abusivo desse método. Assim, pela narrativa da biografada, é possível inferirmos que, no interior do Ceará, essa prática foi mantida por quase todo o século XX.

Eu juntava as minhas coleguinhas lá no fundo do quintal, em Missão Velha, e aí eu dava aula para elas. E aí eu tinha uma tabuazinha. Foi no tempo da palmatória, né? Aí, eu tinha uma tabuazinha. Do jeito que faziam na escola com os alunos, eu fazia com elas. Quem não acertasse (Rosália Barros reproduz o barulho da palmatória)... As bichinhas saíam todas chorando... Daí, a minha mãe acabava com a escola e me colocava de castigo, porque eu estava batendo nas meninas (Barros, entrevista em 03/07/2024).

O brincar de professora na infância e o discurso da vocação para o magistério encontram respaldo na forma como as mulheres foram se inserindo no mercado de trabalho no Brasil. Mesmo após as conquistas femininas com a consolidação da república no país, “o doar-se com nobreza e resignação, qualidades inerentes às mulheres, era premissa com a qual também afinavam-se profissões como

enfermeira ou parteira” (Almeida, 1998, p. 32).

Após ser alfabetizada em Missão Velha, a família de Rosália Barros muda-se para Fortaleza, fixando residência na Barra do Ceará, região periférica da cidade. É pertinente mencionar que a família da biografada sempre morou com a avó materna, Antônia de Oliveira Silva, e devido a isso, seu pai não colaborava muito com as despesas para manter a casa. A educadora lembra que a avó era como uma mãe, a quem demonstra apego e gratidão, pois era quem garantia a subsistência familiar e o cuidado que deveria vir dos seus genitores. Ela “*deixou um legado de honestidade, experiência, trabalho, amor*” (Barros, entrevista em 04/07/2024).

Rosália Barros fez o curso normal no Colégio São José, extinta instituição que ficava situada na Avenida Visconde do Rio Branco, ao lado da Cidade da Criança, no Centro de Fortaleza. Como se tratava de uma escola privada, a professora conta que pagava apenas uma taxa e, assim, fez todas as séries pertinentes ao curso normal, inclusive, o 4º ano adicional. Tal formação, segundo a legislação vigente na época, dava direito ao professor ensinar até a 6ª série do ginásio.

A biografada foi aprovada em concurso público no ano de 1992 para professora da Secretaria de Educação do estado do Ceará, tendo sido convocada para assumir o cargo apenas no ano de 1996. Na época, teve o incentivo de sua avó, Dona Antônia.

Em 92 teve esse concurso, aí a minha avó disse assim: você vai fazer esse concurso e você vai passar, porque você é capaz. Eu disse: não, vó, guarde seu dinheiro e ela falou: não, vou pagar a sua inscrição. Você vai fazer, vai passar e vai ser chamada e vai ser com esse emprego que você vai se manter, criar seu filho (Barros, entrevista em 03/05/2023).

Ao assumir o cargo, a biografada começou a atuar com o Sistema de Telensino. Criado no Ceará, a partir da Lei 5.692/71, o telensino começou a funcionar no ano de 1974, sendo universalizado no ano de 1994, na gestão do governador Ciro Gomes. “A Secretaria da Educação Básica do Ceará [...] vive o impacto da reestruturação do ensino fundamental como forma de “resolver” os alarmantes índices de fracasso escolar, criando as salas de aceleração, desdobrando as séries em ciclos (Fortes, 2002, p. 14, grifos da autora).

Sobre a atuação no período, Rosália Barros narra com detalhes como foram os primeiros anos de profissão.

Quando eu entrei, eu ensinava esse Sistema de TV e como eu tinha 4º pedagógico, eu podia ensinar até a 6ª série [...]. Só que depois inventaram, eu passei um tempo

no Sistema de TV, aí inventaram uma tal de Aceleração e Ciclos, que foi um inferno na educação! Aí, o que que a diretora fez, como eu tinha muito domínio de classe, e as salas de aceleração, especialmente de Aceleração e Ciclos eram muito trabalhosas, ela me tirou do sistema de TV e me botou na Aceleração, eu ensinava uma tal de Aceleração 3. Era assim, alunos de 7 a 17 anos, numa sala só, com atividades diversificadas, diferenciadas para você alfabetizar esse povo e quando você alfabetizava, ele já passava para outra série. E foi a pior coisa que eu já vi na educação foi essa (Barros, entrevista em 04/05/2023).

Nesse trecho da narrativa, a professora fez algumas considerações sobre o seu ingresso na profissão após ser aprovada em concurso público. Conforme a legislação da época, os professores formados em nível de 2º grau tinham habilitação para ensinar da 1ª à 4ª série do primário, contudo, se cursassem o 4º ano adicional poderiam, conforme a Lei de nº 7.044/1982, "lecionar na 5ª e 6ª séries do ensino de 1º grau, mediante estudos adicionais".

É ainda pertinente mencionar sobre as Classes de Aceleração. Criadas pelo Ministério da Educação no ano de 1997, tinham por objetivo corrigir a distorção idade/série. Apesar de o projeto ter sido visto com entusiasmo por seus idealizadores, da fala da professora emergem as dificuldades enfrentadas durante o projeto. Menezes e Santos (2001 n.p.) descrevem essa política pública, o que diverge da perspectiva vivenciada pela professora.

São as classes que participam do programa de aceleração de aprendizagem, instituído em 1997 pelo Ministério da Educação (MEC), que visa corrigir a distorção do fluxo escolar, ou seja, a defasagem entre a idade e a série que os alunos deveriam estar cursando. Constituem salas idealizadas para ter mais recursos pedagógicos e professores especialmente capacitados onde o ensino é intensivo e voltado para a recuperação dos alunos. O projeto "Classes de Aceleração", do governo brasileiro, foi premiado pelo UNICEF em 1997.

A biografada trabalhou durante 10 anos na EEF Monsenhor Hélio Campos, no bairro Cristo Redentor, até a unidade deixar de ofertar o ensino regular. Após esse período, migrou para outra escola na região. Dessa época, narra as dificuldades enfrentadas com a morte da avó e com o aparecimento de um nódulo na mama, que a obrigou a afastar-se temporariamente do trabalho para ser submetida a uma cirurgia e tratar a doença. No ano de 2011, lotou-se na EEFM Fernando Cavalcante Mota, unidade escolar em que atua até os dias atuais.

Rosália Barros foi se constituindo professora na periferia de Fortaleza, tendo que lidar com situações adversas, nas quais os discentes buscam bem mais do que o aprendizado de conteúdos. Para o ex-aluno José Helves Moraes de Oliveira, atuar nesse cenário exige muito trato com os alunos, algo que a biografada consegue fazer muito bem. *"Acredito que, por ser uma pessoa muito extrovertida, muito alegre e acessível, ela conseguia manejar bem, conseguia trazer o conteúdo de forma coesa, de forma compreensível"* (Oliveira, entrevista em 04/07/2024).

A influência familiar, as relações construídas na escola, a troca de experiência com outros professores, as aprendizagens compartilhadas com os alunos e as relações sociais compõem os saberes de Rosália Barros, uma vez que o professor é um sujeito que sofre influência das relações que constrói (Tardif, 2014).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou biografar a professora Rosália Barros com destaque para a sua prática docente e para os fatores que contribuíram para a sua constituição profissional. Com esse intuito, foi desenvolvida uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo biográfica que se propôs a analisar as narrativas da professora Rosália Barros, coletadas a partir de entrevistas livres.

A biografada conta que desde criança queria ser professora, porém reproduzia nas brincadeiras de infância um ato já abolido (em teoria) que ainda era praticado nas escolas, a palmatória. Sua escolarização deu-se em escolas públicas de Fortaleza, contudo, formou-se no curso normal numa escola de iniciativa privada por meio de pagamento de uma pequena taxa. Sua formação possibilitou prestar concurso para a rede estadual de educação do Ceará, onde atua até os dias atuais, aos 61 anos de idade, mesmo tendo idade e tempo de serviço para requerer a aposentadoria.

Essas constatações provocam reflexões sobre as itinerâncias possíveis que pessoas comuns podem percorrer. Tais percursos podem vislumbrar horizontes para novos estudos biográficos na área da História da Educação, possibilitando inclinações para a produção do conhecimento no que concerne à formação e à prática de mulheres educadoras com o intuito de contribuir para uma perspectiva histórica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico de 1960**. Ceará. VII Recenseamento Geral do Brasil. Série Regional, Volume I, Tomo IV. Rio de Janeiro, 1965. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/68/cd_1960_v1_t4_ce.pdf. Acesso em: 5 jul. 2024.

BARROS, R. **Entrevista** concedida a PEREIRA, L. da S., no dia 03 maio 2023.

BARROS, R. **Entrevista** concedida a PEREIRA, L. da S., no dia 04 maio 2023.

BRASIL. **Decreto-lei nº 2.481, de 3 de outubro de 1988**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, v. 126, n. 190, 4 out. 1988. Seção 1,

parte 1, p. 19291-19292. Disponível em:
https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2481.htm. Acesso em: 5 jul. 2024.

BRASIL. **Lei de nº 7.044, de 18 de outubro de 1982.** Altera dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes a profissionalização do ensino de 2º grau. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L7044.htm#art1. Acesso em: 5 jul. 2024.

DOSSE, F. **O desafio biográfico: escrever uma vida.** 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FARIAS, A. de. **História do Ceará.** 1. reimp. 6. ed. rev. e ampl. - Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORTES, M. A. S. **A passagem do 2º para o 3º ciclo no ensino público estadual cearense: o telensino no cotidiano da cultura discente.** 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

FREIRE, P. **Política e Educação: ensaios e dilemas.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2020.

FREITAS, Marcos Cezar de; BICCAS, Maurilane de Souza. **História social da educação no Brasil (1926-1996).** São Paulo: Cortez, 2009. (Biblioteca básica da história da educação brasileira; v. 3).

MEIHY, J. C. S. B.; SEAWRIGHT, L. **Memórias e narrativas: história oral aplicada.** São Paulo: Contexto, 2020.

MENDONÇA, A. A hegemonia da cultura escolar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 16, n. 35, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.20952/revtee.v16i35.18985>. Acesso em: 05 jul. 2024.

MENEZES, E. T; SANTOS, T. H. **Verbetes classes de aceleração.** Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em: <https://educabrasil.com.br/classes-de-aceleracao/>. Acesso em: 05 jul. 2024.

OLINDA, E. M. B. de. **Tinta, papel e palmatória: A escola no Ceará do século XIX -** Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2004.

OLIVEIRA, J. H. M. de. **Entrevista** concedida a PEREIRA, L. da S., via WhatsApp, no dia 04 jul. 2024.

PERROT, M. **Minha história das mulheres.** Tradução de Angela M. S. Côrrea. 2. ed.; 6 reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

PESAVENTO, S. J. **História & história cultural.** 3. ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PORTELLI, A. **História oral como arte da escuta.** Tradução de Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2016. (Coleção Ideias).

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Maurice Tardif. 17. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

ZITKOSKI, J. J. Diálogo/Dialogicidade. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 117-

118.

PALAVRAS-CHAVE: Biografia; educação de mulheres; História da Educação no Ceará; docência na educação básica.